

**NO CASTELO DA FURNA. ESPELEOLOGIA
GRANÍTICA EM BOIVÃO, VALENÇA.**

**Clube Espeleolóxico Maúxo
Considerar a co-autoría de:**

**Xavier Groba González
Eduardo Méndez-Quintas
Tereixa Otero Dacosta
Miguel García García
José Miguel López Mosquera, Zrus
Alberto Romero Rodríguez, Romer
Andrea Serodio Domínguez
Ángel de Prado Vázquez
José Bernardino Costas Goberna**

INTRODUÇÃO

“O caminho segue pelo logar da Quebrada e já na freguesía de Boivão tu avistas, em plena serra, um aggregado de penedos escuros, caprichosos de fôrma, altivos como guerreiros surprehendidos em marcha por um cataclysmo qualquer, suppõe mesmo, por um Deus primitivo que os houvera metamorphoseado em granito. São o castello da Fôrna ou Furna [...] e algúns conhecen pelo nome de Castello de Frayão”

José Augusto Vieira (1886) tomo I: pp. 87-93.

O Castelo da Furna é um dos lugares de maior interesse do Vale do Minho. O espetacular aspeto da montanha. A magnífica vista panorâmica partilhada. A rica natureza e singularidade geológica do local. As numerosas cavidades graníticas que esconde e a relevante presença humana que aí deixou a sua pegada na forma, tanto de restos e marcas arqueológicas, como de antigas lendas e mitos. São estas e outras maravilhas, que nos dias atuais o visitante pode desfrutar com comodidade, através da facilidade de acesso por um estradão, parque de estacionamento, parque de lazer com mesas e bancos em pedra, espaços abrigados e água de um bom manancial próprio. Sem dúvida, podemos acreditar, tratar-se de um bom lugar para desfrutar de um perfeito dia de passeio e de convívio, em contato com a natureza e a história duma terra milenar e culta.

No *Clube Espeleolóxico Maúxo* tivemos a sorte de saber da existência do Castelo da Furna através do senhor Manuel Ledo Bernárdez, grande conhecedor da zona entre a histórica província do Minho e a Galiza, da antiga província tudense, sul da cidade de Vigo. Corria 2006 e o alto potencial espeleológico e natural do lugar, unido à história e à beleza da paisagem, bem como a tranquilidade do local, a amabilidade da comunidade e a rica gastronomia e cultura desta terra minhota, fizeram que desde então não foram poucas as ocasiões em que este clube se organizou, com maior ou menor regularidade, para visitar, estudar ou divulgar as cavidades e o conjunto do Castelo da Furna.

Dos atos de divulgação realizados pelo nosso clube, não podemos, nem queremos esquecer o êxito das visitas ao Castelo da Furna na primeira *International Conference On Granite Caves* (2007) e na *12th International Symposium on Pseudokarst* (2012) organizadas para a Comição do Pseudocarst da UIS (União Internacional de Espeleologia) com a inestimável e desinteressada ajuda, entre outras instituições, da Junta de Freguesia de Boivão e da Câmara Municipal de Valença.

A este respeito, um aviso importante: desaconselha-se o acesso às partes mais perigosas do local, em especial à cavidade denominada por A Furna. Esta cavidade requer equipamentos e técnicas especiais de acesso, sendo recomendável (pela perigosidade de saltos verticais consideráveis) possuir licença espeleológica com seguro, para eventual resgate por acidente. Principalmente em dias de chuva ou, simplesmente, observando a humidade na superfície das rochas e devido à alta probabilidade de queda, mesmo desde uma altura considerável, desaconselha-se também circular pelos penedos de todo o conjunto. Com as rochas secas, calçado adequado e sempre com precaução, subir e descer penedos e lajes faz-se sem grande dificuldade.

LOCALIZAÇÃO

O Castelo da Furna localiza-se no Monte das Furnas, Castelo Natural de Fraião ou Alto do Avelão na freguesia de Boivão, concelho de Valença, distrito de Viana do Castelo, Região Norte da República Portuguesa. Atingindo 622 metros de altitude máxima, suas coordenadas a 532 metros de altitude são: Longitude 8° 32' 54" W. Latitude: 41° 59' 45" N. UTM (X,Y)=(537286.11, 4649589.49). Situado no Alto da Furna, um dos cumes do Norte da Serra da Boulhosa (ou Boalhosa, Boilhosa, Bulhosa), domina o Vale do Minho desde Melgaço a Tui, a cordilheira meridional dos concelhos de Melgaço, Monção e Valença e, do outro lado do rio Minho, apresenta um campo de visão privilegiado da paisagem entre as serras do Galiñeiro e A Paradanta: Aloia, A Lourinha, Faro de Budiño, Val do Tea, etc.

TOPONIMIA

No C.E. Maúxo gostamos da recolha e uso dos nomes locais que podemos ouvir diretamente da tradição oral, tantas vezes esquecidos ou deformados nos registos e mapas oficiais, mas também dos topónimos que o passar do tempo fez cair em desuso, mas que permanecem na história através da memória escrita.

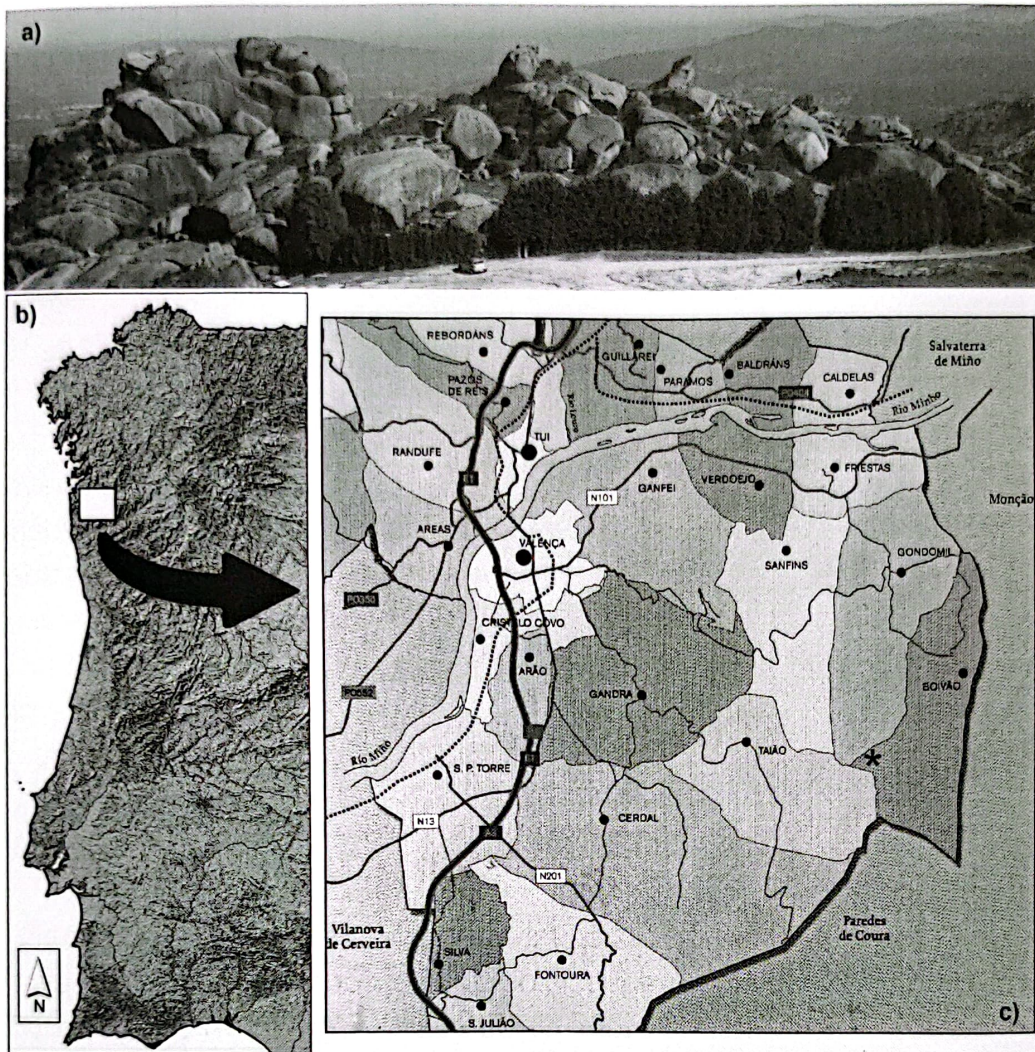


Fig. 1 a): Fotografia do Castelo da Furna desde o Sur em 2015. b): Mapa de localização no contexto ocidental ibérico. c): Pormenor do plano das freguesias da eurocidade de Tui-Valença, retirado do livro de Sánchez Bargiela, Rafael & SALVADOR, Vítor (2013) sendo inserido um asterisco (*) que localiza o local do Castelo da Furna, visível perto da extrema entre as freguesias de Boivão, Taião e Gondomil.

Aqui, no Norte de Portugal, bem como na Galiza, a riqueza de microtoponímias é destacadíssima. Existem poucas culturas no mundo que tenham atribuído tantos nomes por quilómetro quadrado à sua geografia. Cada freguesia, aldeia ou lugar, monte ou campo de trabalho... cada caminho, rio, colina, laje ou cova, resumindo, cada aspeto da paisagem tem o nome próprio ou, por muitas vezes, vários. E quantos deles, como é o caso do Castelo da Furna, quanta história, lenda e cultura denunciam.

O topónimo Castelo da Furna (da Fôrna ou das Furnas, como também é chamado) ou simplesmente Castelo, responde a duas evidências. Uma, diretamente relacionada com a fasquia acastelada da montanha e com a memória da sua fortificação em tempos passados, em quando foi o local

do célebre Castelo de *Frayão*. Falaremos disso mais tarde ao abordar com a época medieval. A outra, um pouco mais confusa, podem estar relacionadas com algumas entradas ao subterrâneo que parecem bocas de fornos de pão, onde apenas se podem entrar gatinhando. De todas as formas, na Galiza entende-se por *furna* um tipo de subterrâneo natural formado pela ação do mar. Assim, achamos que esse nome é atribuído também pela aparência e semelhança da cavidade principal da montanha com esses furos próprios da costa marítima, sendo mais comprida que larga, tipo túnel e com zonas que acabam em alturas consideráveis.

Num local com tanta variedade de penedos e lajes graníticas singulares, muitos com formas chamativas, curiosas, era previsível encontrar uma abastada microtoponímia. Suspeitamos que o nosso conhecimento a respeito seja pobre e parcial e que faltem mais nomes por registar. Apesar desta suspeita, na figura 2 localizam-se esses nomes particulares conhecidos de algumas zonas do Castelo da Furna, sendo: 1- O Portelo, 2- A Furna, 3- A Horta da Rainha, 4- O Forno, 5- A Toca dos Ladrões. 6- A Pía da Nossa Senhora, 7- As Pegadas de Nossa Senhora, 8- O Mosqueiro.

O topónimo Mosqueiro merece particular comentário, assim explicado, nas páginas de *O Minho Pittoresco*:

“Organizei un día una caravana e manhã cedo partimos de Valença, bifurcados nos magros rocinantes dos alugadores da terra. [...] Subindo a montanha, atravessam-se diferentes logarejos de Gándra [...] Gandra era couto do bispo de Tuy [...] terra fértil e abundante de águas. / Subimos sempre e temos un curto descanso en Tayão, para ahí tomarmos un guía, que não só nos conduza direitos á Fôrna, mas nos indique as miraculosas pias onde a rainha bebeu o líquido da vida. [...] / Uma hora depois, sempre por caminho de serra, apeavamos na chã do castello, á sombra d’um penedo enorme, que nos abrigava dos raios tropicaes d’um sol de agosto. [...] Almoçavamos, quando um tropel de animaes, correndo desafreadamente pela montanha, nos chamou a atención. / —São as eguas bravas, que veem para os *mosqueiros* —explicou o guía. / Effectivamente, bandos d’ellas convergiam para o castello, para se abrigarem dos ardores do sol, nas vastas galerías dos seus penedos; a estes logares de refugio chamam os da localidade *mosqueiros*, porque o são realmente, para os bellos animaes que vivem desde pequenos na serra [...]”

José Augusto Vieira (1886): tomo I: pp. 88-91.



Fig. 2 a): Fotografia do Castelo da Furna desde o Norte em 2005. b): Imagem aérea em 2022 com os topónimos do Castelo da Furna marcados con números. Os ómegas situam as principais cavidades naturais do Castelo da Furna. Os círculos situam os grupos de moinhos rupestres.

Acrescentamos que, na outra banda do Minho, em concreto em Rebordáns (Tui), também em Chandebritó (Nigrán), no C.E. Maúxo temos documentado a denominação "Muscalleira / Moscalleira" para locais semelhantes, também usados como refúgio.

Aqui no Castelo da Furna, conta-se também, entre outras possíveis referências toponímicas, que "nos chamados montes da Furna nasce o rio Trancadoiro que ao passar em Lordelo toma o seu nome, indo depois fundir as suas águas com as do Minho" (PINTO NEVES 1990, I: 230).

GEOLOGIA

O Castelo da Furna localiza-se num afloramento ou *inselberg* de idade Hercínica de granito monzonítico (rochas eruptivas), em concreto granito calcoalcalino de textura porfiroide, caracterizado por um tipo de grão grosseiro e com um tom rosado. Na textura deste tipo de granito, destacam-se grandes cristais de feldspato e quartzo, e em menor quantidade biotita, esfena, zircónio, apatita e alanite. A zona apresenta, também, parte de um filão muito especial, orientado na direção NNE-SSO, sendo constituído por uma rocha ígnea de grão fino, o microdiorito quartzífero. A sua origem relaciona-se com o preenchimento previo por magma residual de uma fratura no granito.

No interior de algumas cavidades do Castelo da Furna, podem documentar-se, diferentes tipos de espeleotemas, concreções minerais secundárias próprias de terrenos graníticos, que ao contrário dos desenvolvimentos em calcite (grandes estalactites e estalagmites, etc.) e noutras rochas solúveis, apenas atingem alguns centímetros. Os espeleotemas graníticos formam-se muito lentamente, quer pela ação físico-química da água, gota a gota a dissolver a rocha e o solo (*húmus*) que atravessa, bem pela ação biológica provocada pela variada fauna microscópica que decompõe a rocha. Ambos os tipos de espeleotemas podem ser amorfos ou apresentar diversas formas (estalactites, estalagmites, colunas, flores, etc.) bem individualizadas ou em conjuntos. No Castelo da Furna encontram-se vários espeleotemas. Destaca-se uma pequena formação de pigotite de forma abandeirada que supera os 20 mm de espessura. A pigotite foi descoberta por James F. W. Johnstone ca. 1840 em Cornualles (Gernow – Cornwall) UK, e corresponde à concreção por precipitação do material orgânico e mineral (como o ferro, o alumínio, etc.), que possam estar presentes no *húmus*. O exemplo visualmente mais espetacular no Castelo da Furna, corresponde ao tipo de espeleotemas de ópalo-A (Fig. 3 c), formado pela dissolução e posterior concreção da sílica (Si) da rocha, ajudada pela ação de vários microrganismos que erodem, literalmente comem, a textura interna do granito.

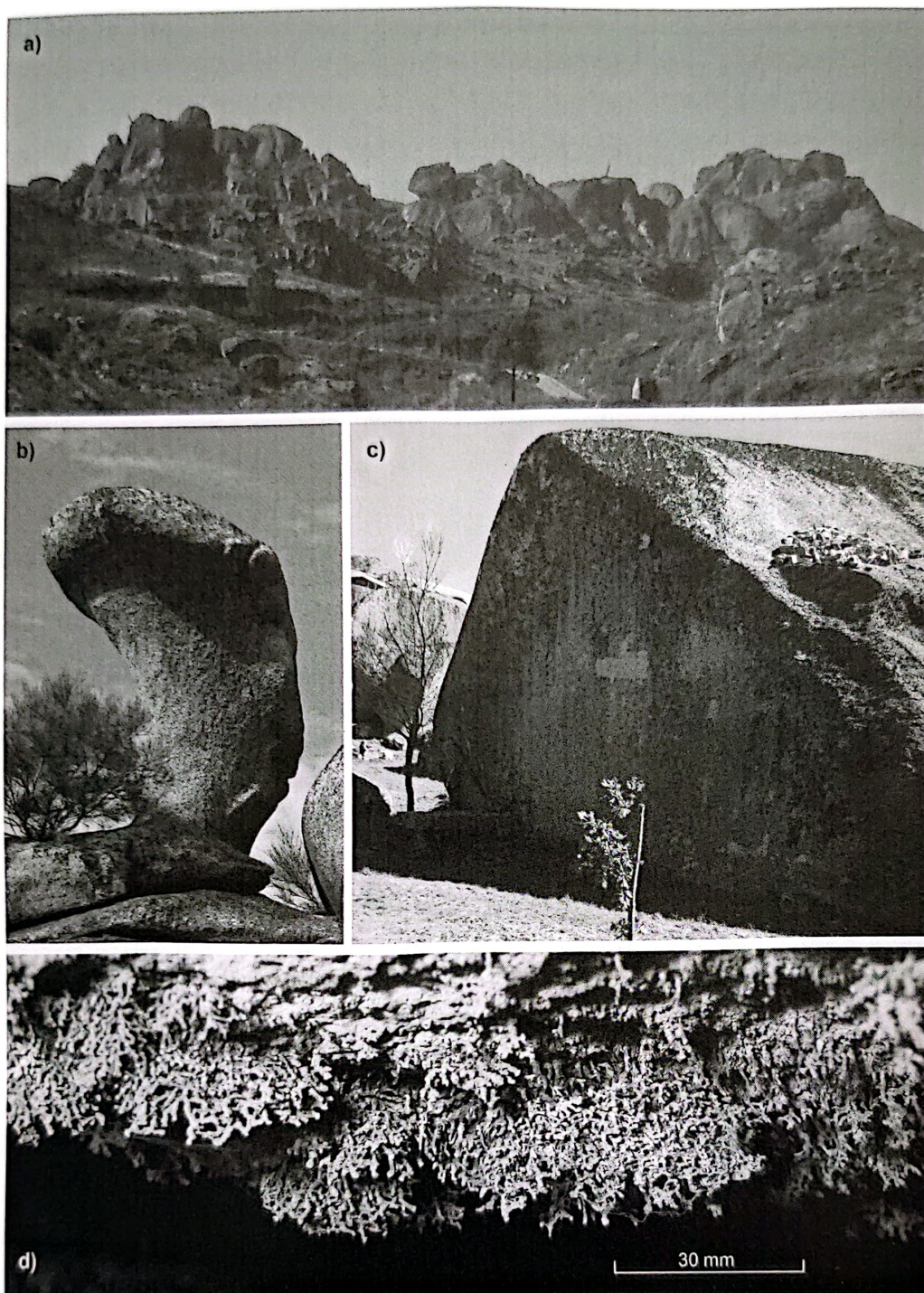


Fig. 3 a): Vista do Castelo da Furna em 2015 desde o nascente. b): Uma das formações graníticas mais singulares do local com aspeto de cogumelo. c): Penedo onde se pratica a brincadeira das pedras casadeiras. d): Conjunto de microcilindros de ópalo-A em forma de madeixa de hélices radiais que, para o que é habitual, tem um considerável tamanho. Deve apenas proceder-se à sua observação, não tocar, são extremamente frágeis e fora do seu habitat desfazem-se em pó.

Um dos aspetos mais atrativos e mais chamativos do acidentado afloramento rochoso do Castelo da Furna é a sua própria paisagem granítica. A erosão desta rocha de origem plutónica tem dado lugar, com o passar de

milhões de anos, à formação de espetaculares bolos pétreos, na linguagem comum *penedos*, de consideráveis volumes e particulares processos de erosão, que deram lugar a caprichosas figuras que fazem as delícias dos mais sonhadores e imaginativos visitantes.

Neste aspecto, a paisagem *pseudocárstica* do Castelo da Furna destaca a existência, no local, de diferentes cavidades naturais. Umás resultam do produto da lenta erosão do *domo* granítico, rotura e esvaziamento, e formam assim espaços abrigados. Abrigos, *abrigueiros*, refúgios, *mosqueiros*, lapas ou tocas, que de todas estas formas, e mais ainda, se chamam, na linguagem galega e minhota, a esta classe de cavidades.

Deste tipo de covas naturais (quase sem chegar na escuridão total e sem grandes desníveis, portanto, fáceis de visitar), no Castelo da Furna destacam-se seis casos, de dimensões pouco habituais, já que por natureza estas cavidades graníticas de blocos tem tendência à rotura e colapso antes de alcançar a formação de amplas superfícies abrigadas debaixo da rocha. De dois dos seis refúgios foi possível saber o nome popular que se lhes atribui, sendo O Mosqueiro e A Toca dos Ladrões.

A existência destes e outros espaços abrigados no complexo de refúgios do Castelo da Furna, fez com que durante milénios se sucedessem diferentes usos do local, sendo as suas épocas de maior relevância histórica a ocupação na pré-história recente (Calcolítico e Idade do Bronze), posteriormente, durante a Idade Média.

Das duas cavidades naturais do Castelo da Furna que não correspondem ao tipo de cavidades de blocos, O Forno e A Furna, destaca-se a segunda mencionada que, como é evidente, dá nome a todo o local.

A Furna apresenta um aspeto de túnel de consideráveis dimensões para o tipo de rocha existente. Os trabalhos topográficos parciais desenvolvidos pelo C.E. Maúxo (Fig. 4) medem 182m de comprimento, com um desnível de -32m. O aspeto geral da cavidade, uma grande fissura de considerável altura que, na maior parte do seu desenvolvimento, denuncia a possível origem geotectónica, associada ao movimento gravitacional a favor da queda da vertente de todos os blocos que formam a montanha. Observam-se, assim, várias fraturas, a principal mantém uma direção constante N245° (N65°E) e tem uma inclinação variável entre os 63 e os 68 graus. Também conta com a interseção doutra fratura, sendo esta vertical e na direção N255°E (N75°E), e de uma terceira, ortogonal às anteriores. As primeiras e segundas fraturas mencionadas têm dado, cruzadas com o plano de fricção e desgaste rochoso, tubos de evacuação da rocha meteorizada que resultam de considerável

tamanho, em comparação com o que se conhece sobre o mesmo fenómeno noutras cavidades graníticas. Estes tubos permitem que a água infiltrada lave e esvazie os materiais alterados da rocha e que se formem espaços profundos de aterro, que podem fazer colapsar alguns pontos da abóboda da cavidade e, por sua vez, reajustando o conjunto de blocos da montanha.

Na paisagem subterrada da Furna (à qual é necessário aceder sempre, entre outros cuidados, com iluminação artificial) destacam-se também algumas cavidades do tipo *tafoni* (pedras furadas) e também *lapa*. As primeiras, aqui, de pequena magnitude, e as segundas de consideráveis dimensões métricas, ao apresentar-se associadas a fraturas com desnível de 50 graus produzidas pela alteração subvertical da rocha.

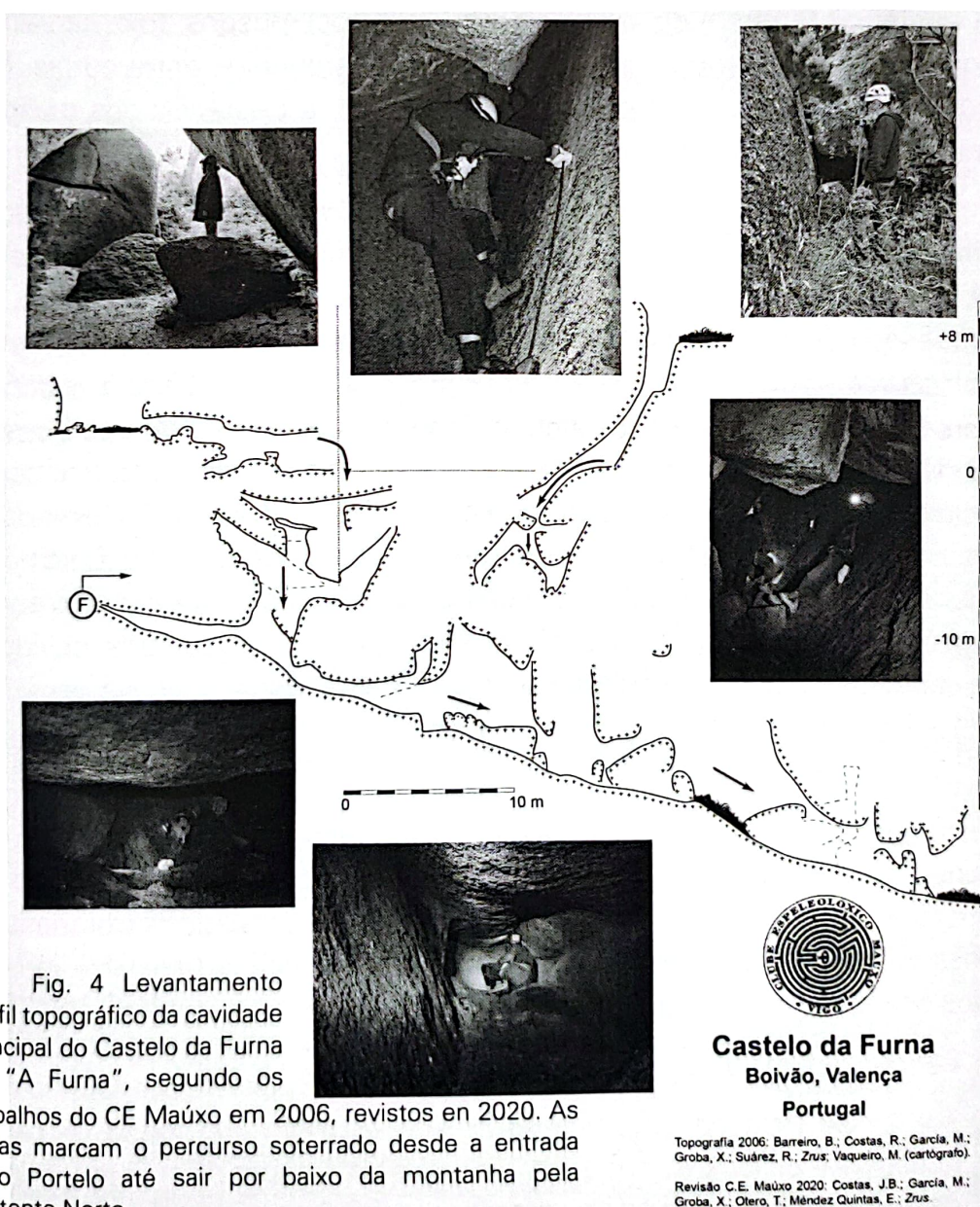


Fig. 4 Levantamento perfil topográfico da cavidade principal do Castelo da Furna ou "A Furna", segundo os trabalhos do CE Maúxo em 2006, revistos em 2020. As setas marcam o percurso soterrado desde a entrada pelo Portelo até sair por baixo da montanha pela vertente Norte.

FLORA E FAUNA.

Não sendo especialistas, no C.E. Maúxo apenas podemos descrever um pouco da paisagem e enunciar algumas das espécies que fazem parte do habitat natural do Castelo da Furna. A paisagem é predominada por aglomerados de blocos graníticos de grandes dimensões, com espaços abrigados e com blocos dispersos mais ou menos solitários. Na superfície rochosa predomina a existência de líquenes e alguns musgos e nas fendas, consoante a largura, profundidade e acumulação de solo, podem observar-se a proliferação de varias gramíneas, arbustos (principalmente giestas e urzes), fetos, por vezes, carvalhos.

Nos espaços mais abertos predomina a existência de giestas, observando-se a existência também de varias gramíneas, fetos, musgos, tojo, carvalhos, periqueiros, flores como o narciso branco e a merendeira, entre outras. Nas cavidades predomina, consoante a luz disponível, a existência dos musgos, líquenes, fetos, por vezes, arbustos.

Em relação às espécies animais, podem observar-se varias espécies de insetos (algumas espécies de aranhas, formigas, moscas, borboletas, etc.), aves como o pisco, a carriça, o pardal, melro, milhafre, águia de asa redonda, com mais dificuldade observam-se mamíferos e répteis; nos répteis podemos ver sardões (*Lacerta lepida*), lagartixa-ibérica (*Podarcis hispânica*) e cobras (algumas espécies ou a mesma espécie com diferentes padrões de pele). No caso dos mamíferos, apenas nos foi possível observar morcegos nas cavernas e presumir a existência de outras espécies através do achado de fezes e rastos característicos, mas contudo, podemos afirmar que atualmente aí habitam pequenos roedores, bem como constituía local de caça ou abrigo provável para raposas, ginetas, coelhos, etc., e, em outros tempos, devido às suas características, tenha sido abrigo para lobos e ursos.

Na flora existente no Castelo da Furna, mais precisamente na flora cavernícola, destaca-se a identificação de um tapete do muito raro e protegido *Schistostega pennata*. Este nome é dado a um tipo de musgo luminoso que, segundo as investigações de Juan Reinoso Franco, do departamento de Botânica da Faculdade de Biologia da Universidade de Santiago de Compostela, apenas tinha sido documentado em 15 locais em toda a península ibérica, alguns dos quais hoje já desaparecidos.

Em relação ao *Schistostega pennata* :

“Se trata de un pequeño musgo esciófilo que forma delicados céspedes en lugares poco iluminados, en el interior de cuevas y minas, siendo característico que su protonema refleje una luz verde esmeralda

[...] Está incluída en la Lista Roja de los Musgos de la Península Ibérica con la categoría de especie rara y vulnerable [...] Todos los autores constatados coinciden en admitir que es una especie calcífuga y acidófila [...] Cuevas y excavaciones son los lugares preferidos donde este peculiar musgo se refugia, tapizando las superficies más suaves de las rocas y paredes al amparo de la mayor humedad. [...] *Lo verdaderamente* espectacular y que llama poderosamente la atención es el protonema (agrupación de diminutos filamentos producidos por la germinación de la espora y que forman parte del cuerpo del musgo). El protonema de *Schistostega pennata* produce multitud de células hinchadas con vacuolas de gran tamaño que se comportan como lentes. La cara convexa de estas células, situadas sobre los cloroplastos actúan como focos de luz facilitando a la planta la poca iluminación que le llega en el hábitat en que vive y así poder fotosintetizar. Las pequeñísimas cantidades de luz que penetran por un lateral de las grandes vacuolas celulares, choca con los cloroplastos, es reflejada y sale al exterior por la cara opuesta de la vacuola, *provocando el efecto de* brillo extraordinario en el musgo, originándose una coloración amarillo verde esmeralda según se aprecie o no a contraluz. De ahí la denominación del todo afortunada de “musgo luminoso” con la que se conoce a *Schistostega pennata* (‘luminous moss’ en inglés o ‘leuchtmoose’ en alemán). Este efecto de reflejar luz esmeralda no está ligado a los fenómenos de luminiscencia, fosforescencia y biofotogénesis (producción de luz de débil intensidad por ciertas plantas) que, en cierta medida, son producidas por bacterias luminiscentes y equivalen a oxidaciones lentas capaces de producir luz”.

Juan Reinoso (1998): 29-30.

Nas covas da Galiza, tinha-se conhecimento da sua existência numa mina de ferro do concelho de O Incio (*Lugo*), numa pequena furna da praia de Sabón (A Coruña), em alguma *fenda granítica da* Turbeira de Xestido (Lugo) e na mina de água debaixo do Castro de Viladonga (Castro de Rei, Lugo).

No decorrer das nossas atividades enquanto Clube Espeleológico Maúxo, tivemos a oportunidade de identificar *Schistostega pennata* nas covas graníticas do Folón (Coruxo, Vigo), nas Covas da Trapa (Ribadelouro, Tui), em Furna das Figosas ou Cova de Baredo (Baiona) e aqui, no Castelo da Furna, sem revelar o local exato para o proteger de curiosos.

Aparte da fauna e flora selvagem referida nas páginas anteriores, é também de referir a presença nas proximidades, de uma forma mais ou

menos regular, de gado livre, mais precisamente vacas e cavalos, e também do pastoreio de cabras e *ovelhas* (prática que acabou por desaparecer nos últimos anos). Estas duas práticas já se tem vindo a observar há várias gerações, como quando Manuel Augusto Pinto Neves (1990: 230) afirma: "Estes terrenos, antigamente chamados montanos, eram constituídos por uma *grande extensão de quilómetros*, suscetíveis, na maior parte, de cultura, e no todo de aproveitamento para a indústria de criação de gado e lacticínios que ali se exerceu durante alguns séculos".

O citado autor, no seu outro livro *Valença na História e na Lenda*, transcreve um texto de grande interesse, que infelizmente não indica qualquer referência sobre o autor ou a data em que o mesmo foi escrito. Entre outros dados diz:

"Até a chamada Invasão dos Franceses eram estes terrenos aproveitados, pela sua abundância de águas e pastos, pelos chamados Vaqueiros de Coura, na criação de gados bovinos e cavalos, por arrendamento anual que fazia o senhorio [primeiro os Viscondes de Vila Nova da Cerveira, logo os marqueses de Ponte de Lima] com quem se concertavam à cerca do preço. Existían ali milhares de cabeças de gado, de que na maior parte se apoderaram os invasores, o que trouxe o desânimo e empobreceu os que faziam exercício dessa indústria, que nunca mais se restabelece, a pesar dos esforços empregados pelo senhorio, que ficou com os terrenos devolutos".

TESTEMUNHOS PRÉ-HISTÓRICOS

As referências sobre a localização de materiais arqueológicos pré-históricos destacáveis nas imediações do Castelo da Furna, são relativamente antigas. Datam de começos do século XX referindo a localização duma estela insculturada "nun campo de milho no lugar do Casal, freguesia de Insalde" e duma outra estela-menhir perto dali, "num local em que ha dolmes". Os dois *monumentos graníticos* (Vasconcelos, 1910) datados na cultura Calcolítica, com uma antiguidade compreendida entre os 5000 - 3500 anos, guardam-se no atual Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

Já do próprio local do Castelo da Furna, no mesmo museu nacional, se guarda um machado de bronze de alvado, com um anel e nervuras na lâmina, próprio da Idade do Bronze, estudado em 1977 pelo eminente arqueólogo galego Luis Monteagudo (cif. Almeida, Soeiro e Barroca 1995). Precisamente, são estes três autores aludidos, quem em meados da década dos anos de

1990, documentam novos materiais arqueológicos no Castelo da Furna. Foi durante a construção do estradão que sobe ao local desde Boivão, que saíram à luz os restos de duas fossas escavadas no estrato granítico alterado (*saibro*) e que correspondem a um tipo próprio da Idade do Bronze. Estas supõe-se que serviriam como armazém (direto ou por meio de recipientes cerâmicos de grande tamanho) de alimentos. Nas imediações da área das fossas, atualmente utilizada como área recreativa, os trabalhos arqueológicos identificaram na mesma época meia centena de fragmentos de cerâmica pré-histórica, entre eles um fragmento de cerâmica de tradição campaniforme. Todos eles seriam datados da referida Idade do Bronze.

Desde a publicação do trabalho assinado por Carlos Alberto Brochado de Almeida, Teresa Soeiro e Mário Jorge Barroca em 1995, não temos conhecimento de trabalhos arqueológicos que tenham aprofundado a pré-história do Castelo da Furna. Porém, nas imediações, investigadores do galego *Instituto de Estudos Miñoráns*, acabaram de publicar o estudo duma destacável estação de petróglifos pré-históricos, com mostras de grande interesse, em Insalde e Porreiras, concelho de Paredes de Coura (Vilar Pedreira et.al. 2021).

Pelo nosso lado, como C.E. Maúxo podemos acrescentar alguns dados mais.

O nosso fortuito achado duma enxó em anfibolito (indústria lítica pulida, num principio própria da cultura neolítica), retirada do interior da Furna pelo perigo de deterioro ou perda por estar à vista em superfície de passagem pela cavidade principal. O espólio foi entregue no Núcleo Museológico de Valença para a sua custódia.

Como acontece com alguns refúgios graníticos na Galiza (Peneites, A Cañoteira, A Lapa dos Piñeiros e A Retamán en Nigrán; A Lapeira de Meixadouro en Cangas; O Penedo das Pías, O Castrelo, A Igrexa dos Mouros e A Cova da Moura de Chaín em Gondomar; etc.), no Castelo da Furna são fáceis de observar bases de moer de seccão navicular, "moinhos rupestres", distribuídos em diferentes refúgios. Este tipo de artefacto pré-histórico (Fernández Pintos 1993, Costas Goberna 1999, Groba & Méndez-Quintas 2007, Pereira & Méndez-Quintas & Prieto 2021) caracteriza-se por localizar-se em superfícies graníticas fixas, inamovíveis, tanto pelo seu tamanho considerável, como pelo seu peso. Usados para moer (a mó quase nunca é localizada) podem ser encontrados isolados ou em grupo, podendo repartir, ou não, o espaço com gravuras rupestres, petróglifos. A alta concentração de moinhos rupestres nos refúgios do Castelo da Furna (podendo haver mais,

contabilizam-se 16 em 8 locais) resulta ser um marco extraordinário, mas que tem passado por enquanto despercebido pela comunidade científica portuguesa; esperamos que em breve sejam melhor avaliados.

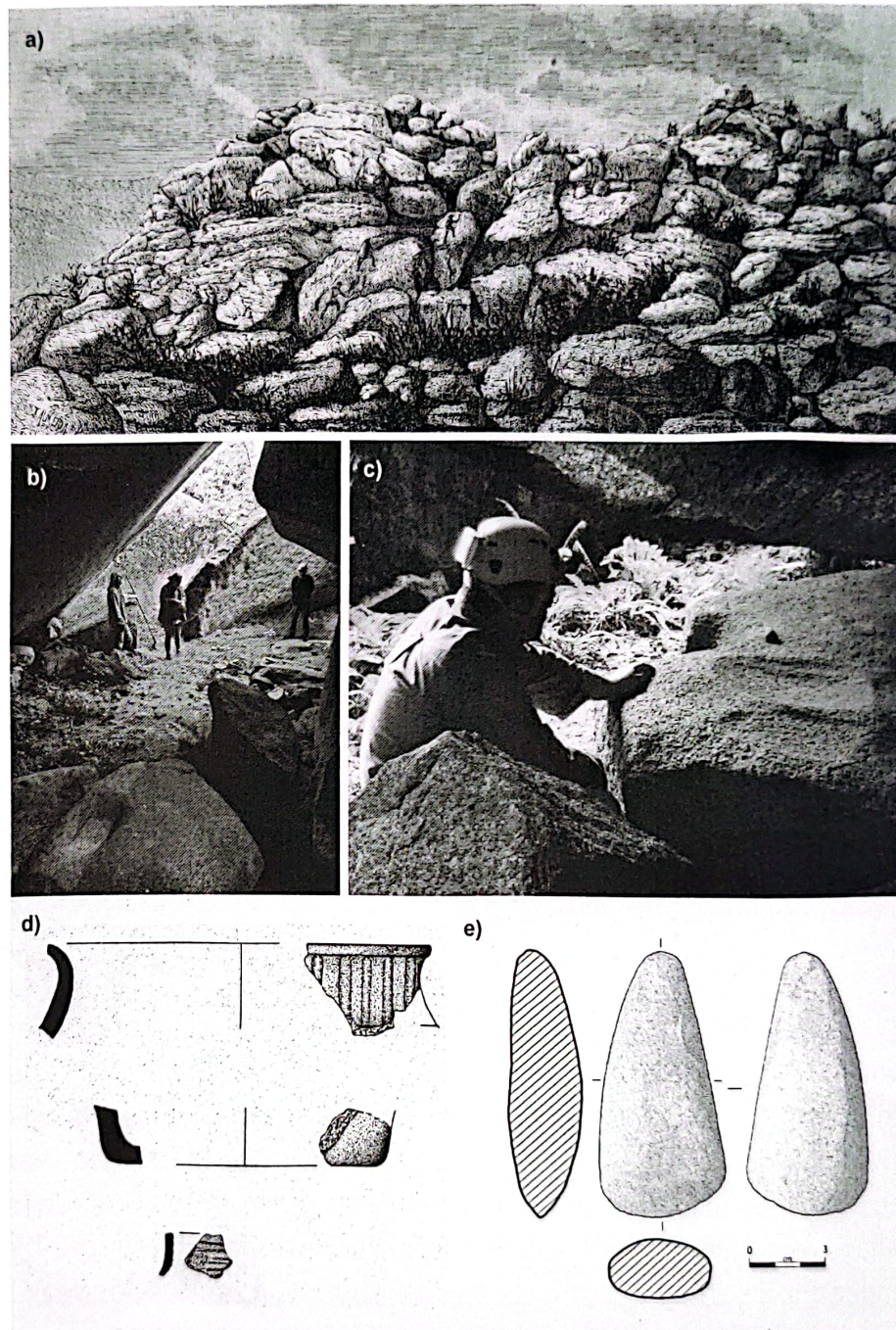


Fig. 5 a): "Castello da Fôrna - Desenho do natural por João de Almeida" en Vieira (1886): p. 105. b): Em O Mosqueiro; o moinho rupestre em primeiro plano. c) Observando os dois moinhos rupestres em O Portelo. d): Desenhos de fragmentos de cerâmica por Almeida, Soeiro e Barroca (1995). Cima: Bordo de vaso fechado, bojudo e com leve carena alta, decorada com canais verticais. Meio: Fundo plano de possível vaso fechado. Baixo: Fragmento cerâmica campaniforme (tipo marítimo). e): Enxó em anfibolito localizado polo C.E. Maúxo. Medidas: 88x45x22.

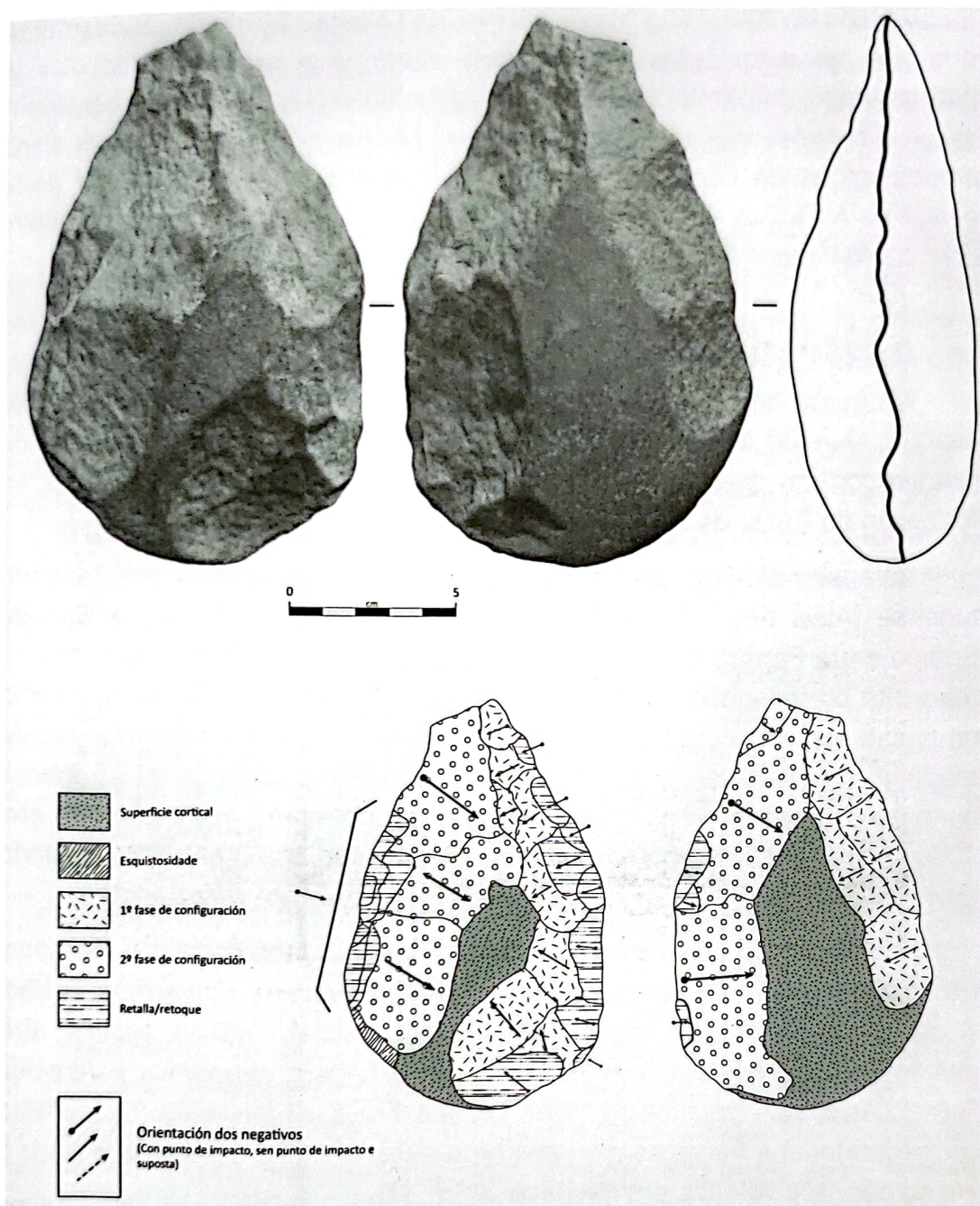


Fig. 6 Biface de seixo rolado de quartzito, de aspeto amigdalóide. Medidas 141x89x48. Achado fora de contexto, en superficie, presenta un certo grao de rolamento uniforme, morfología simétrica con bordos simétricos convexas e arestas regularizadas, pelo que estas são retas. Cronología estimada entre os 300.000 e os 200.000 anos antes do presente.

O que prova também muito do que falta saber, foi o casual achado de um biface (ferramenta lítica própria do Achelense) identificado em superfície no dia 13 de outubro de 2015 por dona María Luz Coto, numa área próxima ao estradão de acesso ao Castelo da Furna, apenas a uns 300 metros mais abaixo do parque de estacionamento, e que tem o mérito de ser o primeiro

testemunho do Paleolítico Antigo conhecido no local. O achado, prontamente entregue às autoridades portuguesas, confirma a presença daquelas já extintas raças de hominídeos da cultura achelense que, não só frequentavam as proximidades dos rios (nesta zona do Minho, nomeadamente os sítios arqueológicos de Gándaras de Budiño, Portomaior e O Cabrón na parte galega, e A Quinta de Santo-Antão em Monção), mas também percorriam, com o seu biface na mão, as divisórias montanhosas.

O CASTELO DA FURNA NA IDADE MEDIA

A riqueza patrimonial do Castelo da Furna não fica circunscrita à pré-história. Durante a Idade Média, este local teve um papel de destaque na história comum do antigo Reino da Galiza e, por conseguinte, também, na formação do Reino de Portugal.

Pela semelhança com outros castelos documentados em território tudense (Aloia em Tui, As Gallas do Galiñeiro em Gondomar, e Faro de Budiño entre Porriño e Salceda de Caselas), o Castelo da Furna devia ter um relevante protagonismo na história dos séculos escuros do primeiro milénio da nossa era. Reforçada a sua natureza acastelada com abundante uso de madeira, o castelo foi possivelmente utilizado pela população talvez apenas durante situações de alarme pontuais que ocorreram, entre elas, no ano 1000 com a passagem dos exércitos de Al-Mansur, ou no ano 1012, quando Olaf Haraldson se apoderou de Tui, residindo este aí por vários anos.

O castelo, do qual não restam ruínas e sim restos e marcas na rocha, foi conhecido como *Castelo de Fraião, Frayão, Frayam, Froyam ou Froilão*. A respeito da origem deste patronímico, existem várias teorias. Em destaque, Joseph Maria Piel atribuiu-lhe uma origem germânica e Almeida Fernandes indica "se trata do nome pessoal Froila < Fronila (de *fron* suévio correspondente a *frauja*, senhor) um nome pessoal muito usado e que ainda o era no séc. XI e XII" (cf. em Pacheco 2019: 37).

Sobre este assunto, no *Nobiliário* do conde D. Pedro, e seguido nisto a Pinto Neves (1990: 233), o nosso Froião viria sendo do tronco da nobre estirpe dos Marinhos e deles, de uma forma semelhante ao que acontece na Galiza com os *Mariño* de Cambados, conta-se a seguinte lenda:

"O primeiro dia (de dita estirpe) foi um cavaleiro bom que houve nome D. Froião e era caçador e monteiro, e andando um dia em seu cavalo per riba do mar a seu monte, achou uma muller marinha dormindo na ribeira; e iam con ele três escudeiros seus, e ela, quando os sentiu quis-se acolher no mar, e eles foram-se tanto em pós ela até

a filharam antes que se acolhesse no mar; e depois de a filhar àqueles que a tomaram, fê-la pôr em uma besta e levou-a para sua casa. E ela era mui fermosa e ele fê-la baptizar, que lhe não caía tanto nome nenhum como Marinha, porque saíra do mar, e assim lhe pôs o nome e chamaram dona Marinha”.

Passamos assim a saber da integração do Castelo da Furna na história do Reino de Portugal, cabeça jurisdicional da *Terra* ou *Julgado de Frayão* que, em conjunto com as outras terras de Caminha, Cerveira, Pena da Rainha e Valadares, organizavam o território norte do Reino de Portugal, fronteira com a Galiza.

As *Inquirições* de 1258, a mando de D. Afonso III, indicavam que a população das freguesias de Bico, Vascões e Cunha (concelho de Paredes de Coura) estavam obrigadas a levar madeira para o castelo como contrapartida de, em tempos de guerra ou perigo, usufruírem de guarida para si e seus haveres. E que:

“ [...] filhos e netos do Sevio am a guardar o ganado que o Senhor da Terra fila por penora. Item, filhos e netos de Gondemar o tanio am a fazer o rego para o Castello per que vay a água [...] Item, dixerunt que os de Ansaldi [Insade], se se guerra levantar ou encerco veer a esse devantido castello de Froyam, am se de meter in esse castello cum seus corpos et cum seus averes; et se o Alcayde desse castello coyta ouver et dele despender, pagar pois esse aver que despender ao partimento da guerra per mao do Joiz” (transcrição de Pinto, 1997: 38-39).

Felizmente, os poucos escritos sobre esta fortaleza que tivemos oportunidade de encontrar foram substancialmente acrescentados em 2019 com o trabalho do professor e historiador Dr. José Augusto Pacheco titulado *Paredes de Coura. Estudos Históricos*. A esse livro e às suas variadas referências documentais, remetemo-nos para melhor conhecer como o castelo de Frayão esteve umbilicalmente ligado à terra de Coyra desde o séc. XII até ao ano 1515, nas margens do Minho, entre o território de Penha da Rainha e de Cerveira, no que hoje são os concelhos de Valença e Paredes de Coura.

No bibliográfico, também interessa referenciar uma outra novidade, assinada em 2017 pela Dra. Ana Paula Leite Rodrigues, que analisa documentação histórica onde constam as fluidas relações entre os dois lados do rio Minho, em concreto interessantes para este nosso tema, no estudo do surgimento do mosteiro de Santa Maria de Oia e o vínculo com ele da

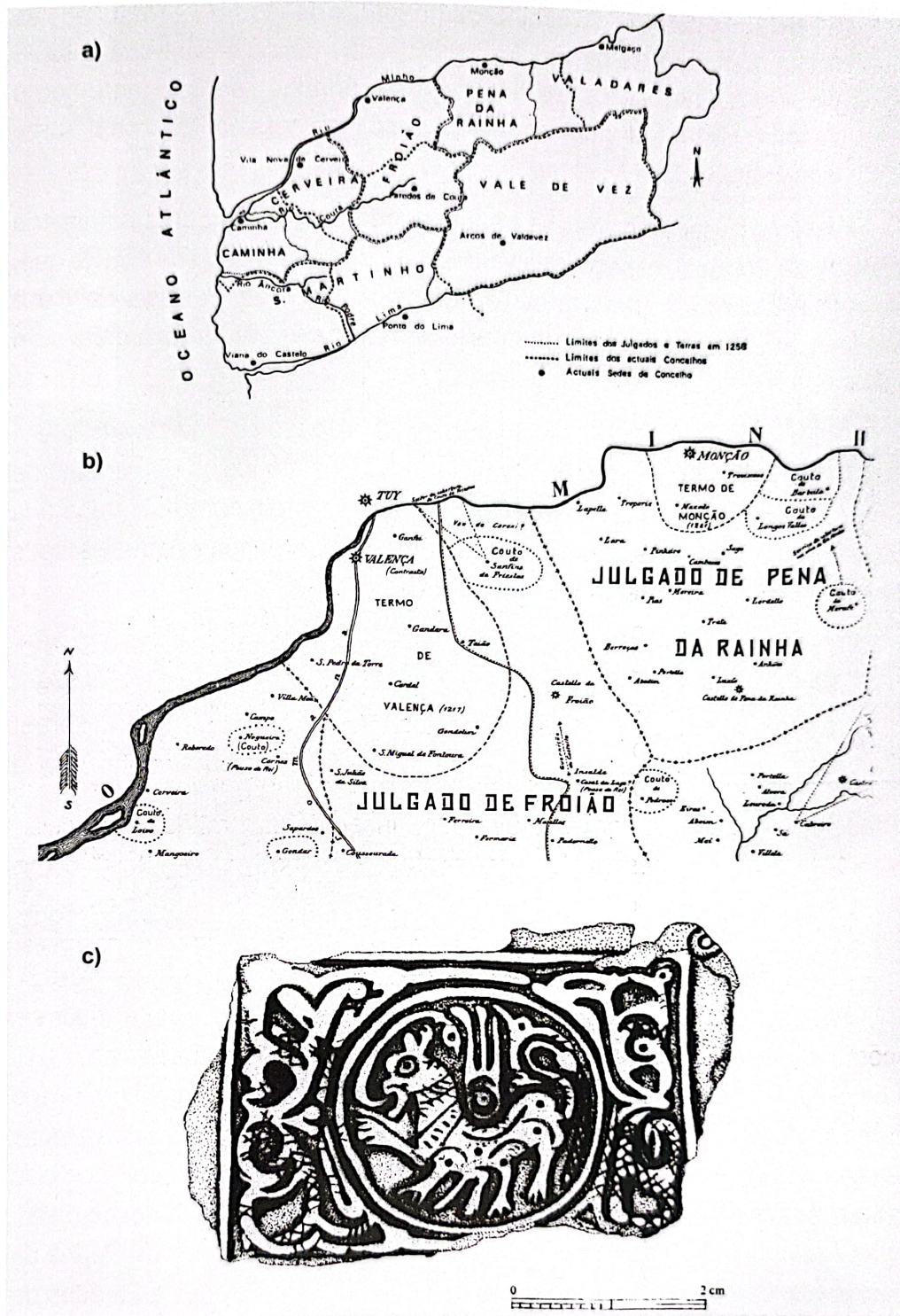


Fig. 7 a): Plano das terras ou juílgados da zona minhota em 1258 em Pinto Neves 1990: p.98. b) Pormenor do plano da região Minho e Lima nos meados do século XIII dos "Estudos de Historia Militar Portuguesa" de Augusto Botelho da Costa Veiga (cf. Pinto Neves 1997: sem paginar entre pp. 28-29). c): Desenho da placa de cobre de um cinto medieval encontrado no Castelo da Furna, por Carla Maria Braz Martins, 2003, p. 89.

nobreza, que tinha assento na famosa torre de São Julião da Silva “situada ao extremo ocidental do julgado de Froião [...] Possivelmente de origem local, a linhagem dos Silva recebeu de D. Afonso Henriques o castelo de Froião assim como o controlo do território envolvente” (Rodrigues 2017: 47)

No arqueológico, este singular sítio medieval do Castelo de Frayão ou da Furna, foi escavado em duas zonas no ano 2000: na entrada de um refúgio natural no andar superior do castelo e na Horta da Rainha. Ainda que a intervenção (Braz Martins, 2003) foi de pequena extensão (apenas 7 m²) ofereceu uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos datados em dois períodos, um alto medieval (entre os séc. VII e X) e outro posterior, entre os séc. XI e XIII. Além da cerâmica, no Castelo da Furna foram encontradas também algumas peças de grande interesse, como um dinheiro de D. Dinis (1279-1325).

Entre essas peças, destaca-se uma minuciosa e requintada placa de cinto feita em cobre e decorada com fio de ouro. Tem representado um grifo (Fig. 7 C); animal mitológico de tradição oriental antiga e resultante da mistura de leão (corpo, cauda e quatro patas com garras), cavalo (orelhas) e águia (cabeça com a boca aberta da qual sai uma língua de fogo ou falante) com asas estilizadas e caídas, representadas entre as patas dianteiras e as traseiras. Por cima do grifo representa-se uma lira (instrumento musical clássico de cordas) e um botão da flor de lótus, tudo “inserido num medalhão circular, em volta do qual se desenvolve uma profusão de motivos vegetais” como indicado pela investigadora Carla Maria Braz Martins (2003) a quem estamos a seguir. Trata-se, pois, de um magnífico trabalho de ourivesaria medieval com as técnicas aplicadas de gravura e cinzelagem que segue uma tradição germânica oriental de influências clássicas. Enquanto ao significado, a Dra. Braz Martins diz:

“O grifo, composto de águia e leão, na emblemática medieval representa a evocação dualista da natureza divina e humana, assim como a dupla qualidade de sabedoria e força. Quando associado á Árvore da Vida, pode mesmo ter um significado de vigilante dos caminhos de salvação. De facto, os motivos vegetais que molduram o grifo podem ser o signo de Árvore da Vida, muito semelhante á existente no Livro de Kells. [...] Minuciosa obra [...] poderá induzir a que se possa pensar que o seu portador terá sido uma pessoa de destaque dentro da sociedade medieval, ao nível político/social ou militar. Nesta última hipótese não será de estranhar que um indivíduo que lidere exércitos e que se encontre sistematicamente em guerra, num período histórico muito instável, tenha no seu cinturão elementos

decorativos que ultrapassando-se, retratam a mentalidade religiosa da época, podendo mesmo constituir uma espécie de amuleto:

-Grifo representando força e sabedoria, qualidade necessárias a um chefe militar; guardião e vigilante dos caminhos da salvação, desejo de regresso são e salvo a casa;

-Lira, que recordando modelos clássicos, adormece o inimigo, esmorecendo as suas tropas e como tal, conduzindo o exército em causa à vitória ”.

O abandono da fortaleza medieval do Castelo da Furna aconteceu em época incerta, havendo quem afirme que no séc. XVII ainda eram visíveis vestígios seus. Pode-se acreditar na hipótese que aponta a que, à medida que os reinos cristãos se foram expandindo para o sul, sobretudo ao longo do séc. XIII, a funcionalidade deste castelo cairia em desuso. Além disto, começa a fortificação das vilas próximas ao rio Minho, tanto no reino português, como no reino espanhol, pelo interesse político de ambos em estabelecer uma fronteira permanente a separar as populações do Norte e Sul do Minho que, pelo contrário, atuavam como irmãos devido aos múltiplos interesses comuns.

LENDAS E CRENÇAS

Como seria de esperar, o Castelo da Furna conta também com um rico património cultural imaterial associado, além da toponímia antes tratada.

Um dos costumes relacionados com este castelo, e hoje dos mais populares, é a brincadeira que os solteiros fazem para ver quem vai casar. A primeira pessoa do grupo a deixar uma pedra em cima dum penedo da entrada (Fig. 3 C), será essa a primeira a casar. Suspeitamos que este ritual se pratique no Castelo da Furna há apenas alguns anos, já que, segundo um escrito de junho de 1946 publicado em *O Minhoto*, e que foi reproduzido pelo já várias vezes mencionado Pinto Neves (1997):

“Na freguesia de Boivão existia o Penedo de Fontenela, sito no lugar do mesmo nome. Tratava-se dumha pedra oscilante com a sua lenda casamenteira. Os rapazes e as raparigas solteiras acostumavam atirar seixos sobre ele. Se o seixo não caísse, ficando sobre o penedo, o que o atirou casar-se-ia em breve. Se, pelo contrário, o seixo não ficasse sobre o penedo, caindo ao solo, podia perder as esperanças de contrair matrimónio, pelo menos a médio prazo”.

Entre os diferentes relatos lendários que tem como cenário o Castelo da Furna, destacam-se a “Lenda da Tenda” e “A Rainha Aragunta”.

A primeira delas, segundo o professor Álvaro Campelo, e reduzida aqui por nós, conta como numa noite de luar, "por altura da festa de S. João", um homem que todas as manhãs levava o gado ao monte, sem se aperceber madrugou demais, e ao passar junto a um grande penedo, "viu uma tenda em ouro". Junto à tenda estaria uma mulher de cabelos longos que pergunta ao impressionado camponês qual a sua preferência: "Queres esta tenda em ouro, ou queres-me a mim?". O homem escolhe mal e "tudo o que vira desapareceu. Tivesse ele escolhido a mulher, que era uma moura encantada, e ficaria também com o ouro todo" (Campelo, A. 2002, 2003).

Na outra lenda, a dita rainha Aragunta chega ao castelo fugindo de seu marido que a tinha repudiada e condenada á morte, "em razão de intrigas dos criados".

"Dizem que uma rainha de Aragão, chamada Araguncia, sendo falsamente mexericada com o rei, seu marido, por um criado que a via mais affeçoada a outro, a quiz matar; e tendo ella noticia d'esta tenção, sahiu uma noite disfarçada, e sem embargo da sua boa diligencia, a seguiu o rei com tando acerto que quasi a teve apanhada na passagem do Minho, onde lhe escapou, pedindo ella aos barqueiros que o dilatassem o tempo sufficiente para se acolher a este castello."

Augusto S.A.B de Pinho Leal (1873): Vol. I p. 409.

Aragunta estando sitiada, fingindo que se alimentava de trutas que uma águia lhe deixava cair, conseguiu que o rei, também ele impressionado com a nascente de água do local, levantasse o cerco e a perdoasse ao acreditar que a rainha tinha ajuda divina.

Como indicava em 2006 a página web do município de Valença:

"Esta lenda parece ter um fundo de verdade, a rainha D. Aragunta, [Aragonta] mulher de Ordonho II, de Leão [e da Galiza entre os anos 914-924] a qual ele repudiou, vindo ela a acolher-se ao mosteiro de Salzeda [Salceda de Caselas] (perto de Tui), onde se afirma ter morrido com a fama de bem-aventurada, o que teria causado remorsos ao próprio rei. Esta rainha era filha dos condes D. Gonçalo e Dna. Teresa, e irmã, pois, do Conde Ermenegildo Gonçalves, portugalense e tudense, pois era também conde de Tui e de Portugal, como no-lo confirmem documentos da época, e que está relacionado dalguma maneira directamente com a história de Valença."

Contudo, esta lenda não é exclusiva do Castelo da Furna. Perto, a nascente, e à sua vista, localiza-se o castelo da Penha da Rainha, em Monção, com o qual muitos o tem confundido. Local também de interesse espeleológico que, na idade medieval, era cabeça da *Terra* de seu nome e onde também se conta a lenda da rainha Aragunta.

No Castelo da Furna, a memória daquela ou talvez outra rainha qualquer, tem ainda mais presença com topónimos como A Horta da Rainha (espaço térreo e plano no interior do castelo), descrita por José Augusto Vieira (1886: 91) assim: “—Aquí está a horta da rainha! —disse o guia, depois de havermos transporto uma estreita galeria terminada em angulo agudo. / Que decepção! / Apenas algúns metros quadrados de terreno, com uma relva rasteira e uns giestaes dispersos.”

Talvez a utilização da figura duma “Rainha” seja uma referência à Virgem Maria, visto que a Pia de Nossa Senhora é outro lugar de referência no Castelo da Furna e com um significado popular muito especial. É muito comum a crença que esta pia é sagrada, porque nunca fica sem água, “a pedra sua”, e na noite de S. João, são muitos os que, à saída do sol, enchem aqui uma garrafa.

“Boivão [...] N’esta freguezia estão as ruinas de um castello, ás quaes se sóbe com muito perigo e difficultade. Uns lle chamam Castello da Fôrna [...] Castello de Fraião [...] / No mais alto do castello existe uma pia, que nunca se esgota; tem uma fenda por onde recibe a agua do aqueducto natural, vindo do alto do monte [...] os habitantes de Gondelim diziam, que as molestias da pele e verrugas, desapareciam lavadas que fossen com esta agua. [...]

Augusto S.A.B de Pinho Leal (1873): Vol. I p. 408.

Nós mesmos tivemos a sorte de documentar algumas versões pormenorizadas da lenda associada a este ritual da recolha de água na noite de S. João, com testemunhas sobre os benefícios da água desta pia. O relato popular tem como referência clara a fuga do Egipto que conta o Novo Testamento. Assim resumimos a versão ouvida em 2006 de tia Rosa Afonso Rodrigues e tio Aníbal Garcia Soares, moradores em Bade, Cerdal:

“A Nossa Senhora fugia dos seus perseguidores. O inimigo vinha atrás dela por levar o menino Jesus ao colo. Para que o demónio não os apanhasse, a Virgem forrou a mula às avessas, pôs-lhe as ferraduras ao contrário. Assim o inimigo pensaria que eles vinham do Castelo da Furna, mas na verdade era para onde iam.

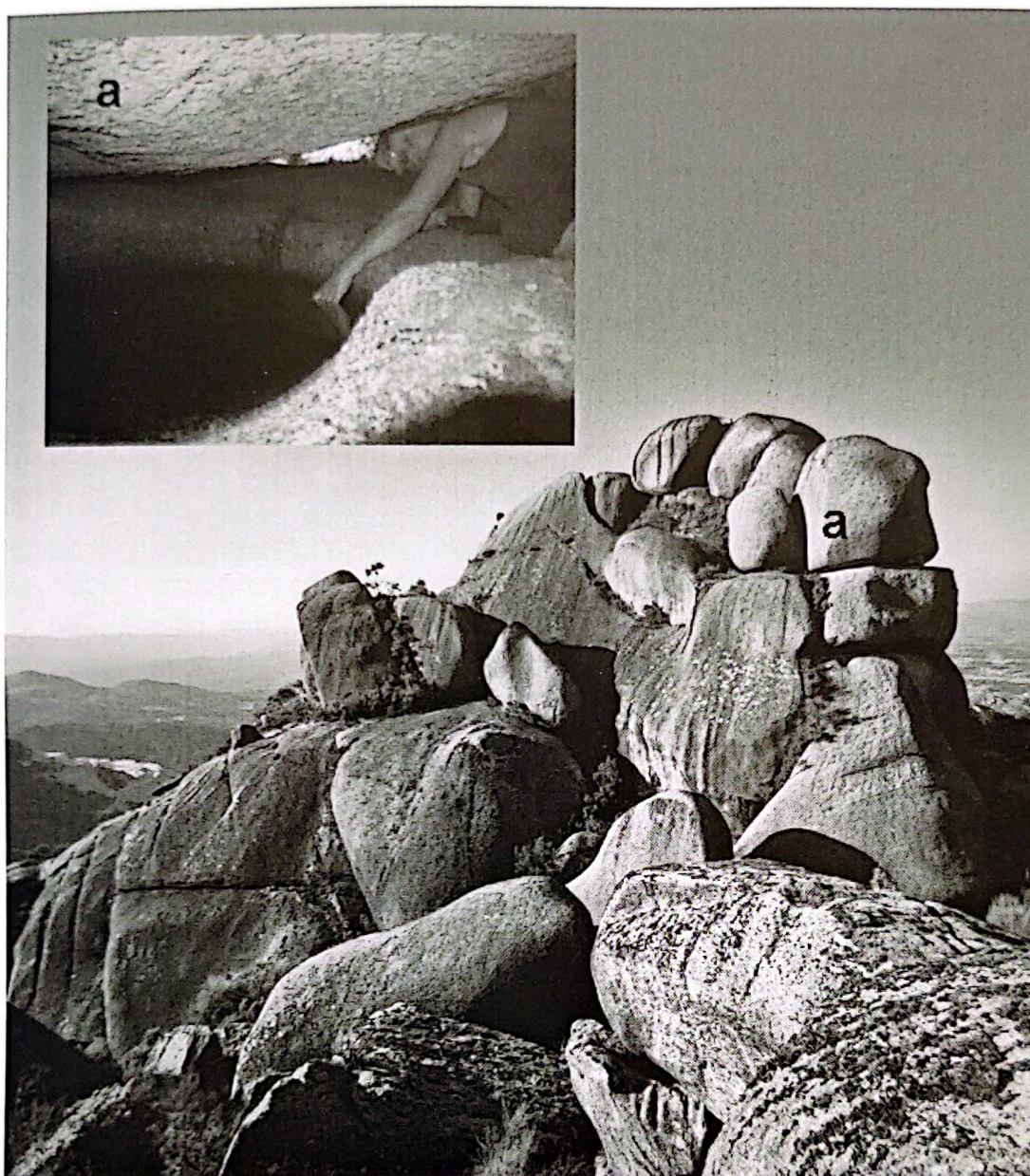


Fig. 8 Fotografia da parte do Castelo da Furna indicando o local da Pia de Nossa Senhora. No pormenor, fotografia duma curiosa mulher tocando a água da pia miraculosa em setembro de 2006.

Pelo caminho encontrou ajuda das silvas, que prendiam o inimigo, e por isso a Virgem as abençoou. Mas pelo contrário, excomungou os *antemoços* que com o seu ruído alertavam para a direção que levava. Após a chegada ao Castelo da Furna, a Virgem, cuidadosamente usou como berço do menino Jesus o que hoje chamam de A Pia de Nossa Senhora."

Mas não sempre os visitantes encontram a pia com água. Assim, em 1873:

“— E as pias, onde são as pias que teem sempre agua a nascer?
/ — Alí em cima, respondeunos tranquillamente, apontando para uns colossos de granito que parecían desabar sobre nós.

— E para ir lá? / —Vae-se bem; da-se aquí uma voltinha por cima d’essa lage!

Démos a voltinha; a sola das nossas botas escorregava, porém, no granito virgem e um falso passo n’aquellas alturas era para nos fazer rolar de penedo em penedo, de abysmo em abysmo. / Descalçámo-nos, pois, como romeiros piedosos, e ora trepando pelos angulos das rochas, ora rodeando as lages mais resvaladias, chegámos ao mais alto do castello, onde a surpresa nos compensou de sobra do trabalho difficil da ascensão [...] sentimo-nos electrizados por essa austeridade casta da paysagem [...] —Magnífico!

[...] Depois de mais algum trabalho de caminho, conseguimos por fim entrar na gruta onde existiam as celebres pias, as fontes miraculosas da lenda.

Uma decepção para nós e até para o proprio guia, que nos asseverava haver ali agua sempre fresca! Nem uma só gotta, ao menos, que nos recordasse o sabor d’essa tradição ainda tão viva!... / As pias lá existem, na verdade, mas a nossa opinião é que ellas deveriam servir para realizar qualquer fórma de culto, porque pouco póde admitir-se que o fossem para recolher as aguas pluviaes, attendendo-se a que ficam no interior da gruta [...] / Subir para lá fôra difficil, meu amigo, mas decer era talvez um pouco mais perigoso; e pontos houve em que tivemos de caminhar, diriamos talvez melhor, desliar pelo plano inclinado dos penedos, com grave risco dos fundilhos das nosas calças.”

José Augusto Vieira (1886): tomo I: pp. 91-92.

Diretamente relacionado com estas lendas, são as denominadas Pegadas de Nossa Senhora. Estas são uns pequenos e antigos sulcos esculpidos que facilitam o acesso ao ponto mais alto do castelo rochoso desde A Horta da Rainha.

“Reza a lenda que nos penedos do castelo existem uma marcas de pegadas atribuídas a Nossa Senhora. A tradição popular diz que quem desejar subir ao topo dos rochedos terá, forçosamente de seguir o seu traçado, pé ante pé.”

Víctor Salvador (2006): p.12

RELEVÂNCIA

O Castelo da Furna está declarado pelo governo da República Portuguesa como Monumento Nacional e como geossítio de interesse singular; merece o máximo respeito. O cuidado pela natureza, da paisagem e do património cultural deveria ser uma preocupação a ter em conta por quem visite este local. A população minhota residente assim o vem fazendo desde tempos imemoriais e os erros cometidos, a nosso entender (referimo-nos à atividade industrial e aos estragos das pedreiras, que ao longo dos últimos anos têm destruído a paisagem nos arredores do Castelo da Furna) podem ser, em parte, reparados, evitando que estas se alastrem mais e que os mesmos espaços sejam requalificados e dêem lugar a atividades mais sustentáveis e benéficas. No *Clube Espeleológico Maúxo* no mínimo podemos acreditar, com grande certeza (assim esperamos tê-lo deixado evidente nas páginas anteriores), o grande potencial que esconde o Castelo da Furna para melhor se compreender e conhecer a natureza e o passado da humanidade neste recanto do planeta.

AGRADECIMENTOS

Com a nossa especial recordação à memória de Rosa Afonso Rodrigues (RIP) e Anibal García Soares (RIP) e o nosso agradecimento pela colaboração recebida de María Luz Coto Martínez, Rafael Higgs Teixeira Estanqueiro (Arquivista na Câmara Municipal de Valença), Manuel Ledo Bernárdez, Tiago A. Loureiro Lobato e Xose Lois Vilar Pedreira.

BIBLIOGRAFIA

BARROS GUIMERÁNS, Carlos (2004): "La frontera medieval entre Galicia y Portugal". www.hdebate.com/cbarros/spanish/frontera_castellana.htm. Consulta a 14 novembro 2004.

BRAZ MARTÍNS, Carla María (2003): "Contributo para o estudo do monte do Castelo de Fraião, Boivão, Valença", *Portugalia Nova Serie*, Vol. XXIV, pp. 81-94.

BROCHADO DE ALMEIDA, Carlos Alberto & SOEIRO, Teresa & BARROCA, Mário Jorge (1995): "Estação arqueológica do Castelo de Fraião (Boivão, Valença)". *Portugalia Nova Serie*, Vol. XVI, pp. 311-322.

CAMPELO, Álvaro (2002): *Lendas do Vale do Minho no concelho de Valença*, Ed. Associação de Municípios do Minho, pp. 179-181.

CAMPELO, Álvaro (2003): "Lenda da Tenda Encantada", *Paredes de Coura, Informação Municipal*. Ed. Câmara Municipal Paredes de Coura, nº 11, p. 19.

CLUBE ESPELEOLÓXICO MAÚXO (2005): *As covas de Vínchos*. Vigo: Comunidade de Montes en Man Común de Vínchos, Gondomar-Galiza.

CLUBE ESPELEOLÓXICO MAÚXO (2006): "Notas explicativas á cartografía A Furna (NI-CEM: N.P.3.2:28) Castelo das Furnas, Boivão, Valença, Portugal". Vigo: CE Maúxo.

CLUBE ESPELEOLÓXICO MAÚXO (2011): "Reportaxe coa Televisión de Porto nas Covas do Castelo da Furna", *Informe Maúxo*, outubro 2011, Vigo.

COSTA, António Carvalho da (1868): *Corografía Portuguesa e Descriçam Topográfica do Famoso reyno de Portugal* [...]. Braga, 2ª ed., pp. 233-234.

COSTAS GOBERNA, José Bernardino (1999): "Cavidades naturais e insculturas rupestres no suroeste galego". *Congreso Internacional da Arte Rupestre Europea en Vigo*, CD-R editado polo Concello de Vigo, sem paginar.

COSTAS GOBERNA, José Bernardino & OTERO DACOSTA, Tereixa & LÓPEZ MOSQUERA, J. M. Zrus (2008): "Myths, legends and beliefs on granite caves", *Cadernos do Laboratorio Xeolóxico de Laxe*, Vol. 33, pp. 19-34.

FERNÁNDEZ PINTOS, Julio (1993): "Asociaciones de combinaciones circulares a equipos de molienda rupestres en el N.O. peninsular". Actas do VI Coloquio Portuense de Arqueología (1987). *LVCERNA. Cadernos de Arqueología do Centro de Estudos Humanísticos*. IIª Serie. Vol. III. Secretaría de Estado da Cultura. Delegação do Norte. Centro de Estudos Humanísticos, Porto, pp. 75-95.

GROBA, Xavier & MÉNDEZ-QUINTAS, Eduardo (2008): "Human occupations during the recent prehistory in the granite caves of the occidental coast of Galicia", *Cadernos do Laboratorio Xeolóxico de Laxe*, Vol. 33, pp. 115-126.

PACHECO, José Augusto (2019): *Paredes de Coura. Estudos Históricos*. Paredes de Coura: Câmara Municipal de Paredes de Coura.

PINHO LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de (1873, 1875): *Portugal antigo e moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biografico e Etymologico de todas as cidades, vilas e fregezas de Portugal e de grande numero de aldeias* [...]. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Vol. I (1873) pp. 408-409.

PINTO NEVES, Manuel Augusto A. (1990): *Valença na Historia e na Lenda*, Câmara Municipal de Valença. (1997), *Valença. Das origens aos nossos dias*, Valença: Rotary Clube de Valença.

PEREIRA MARTÍNEZ, Xurxo & MÉNDEZ-QUINTAS, Eduardo & PRIETO MARTÍNEZ, M^a Pilar (2022): "Un elemento singular dentro de la Prehistoria Reciente del noroeste peninsular: los equipos de molienda rupestre", *Spal*, 31.1, pp. 77 - 103. Universidad de Sevilla: <https://dx.doi.org/10.12795/spal.2022.i31.05>

REINOSO, Juan (1998): "El musgo luminoso *Schistostega pennata* en el castro de Viladonga (Lugo)", *CROA, Boletín da Asociación de Amigos do Museo do Castro de Viladonga*, nº 8, pp. 29- 32.

RODRIGUES, Ana Paula Leite (2017): *Nos dois lados do rio Minho. O senhorio transfronteiriço de Santa María de Oia (Séculos XII a XV)*. Vigo: Instituto de Estudos Viguezes.

SALVADOR, Victor (2006): "As Pegadas de Nossa Senhora", *Agenda. 01 Valença*, Janeiro 06. Biblioteca Municipal de Valença.

SGP (1986): *Notícia Explicativa da Folha 1-B. Monção*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. Direcção-Geral de Geologia de Minas.

SÁNCHEZ BARGIELA, Rafael & SALVADOR, Vítor (2013): *Eurocidade Tui Valença / Valença Tui*. Vicepresidencia e Consellería de Presidencia, Administración Pública e Xustiza - Xunta de Galicia & Eurocidade Valença – Tui. Administración Pública e Xustiza - Xunta de Galicia & Eurocidade Valença – Tui, p. 5.

VASCONCELOS, José Leite de (1910): "Esculpturas prehistoricas do Museo Etnológico Português", *O Archeologo Português*, 1^a serie, nº14, pp. 31-39.

VIEIRA, José Augusto (1886): *O Minho Pittoresco*. Lisboa: Livraria de Antonio M^a Pereira – Ed. tomo I, pp. 87-93 e 105.

VILAR PEDREIRA, Xose Lois & VERDE ANDRÉS, Cándido & MANSO DE LA TORRE, Xilberte & ALONSO ÁLVAREZ, Xosé & MARTÍNEZ SOTO, Eloi & CENTELLES GARCÍA, Bruno & LEDO BERNÁRDEZ, Manuel & VIÑA ARIAS, José Antonio (2021): "Territorios e identidades. Arte rupestre ó norte e ó sur da Serra do Extremo". *REM, Revista de Estudos Miñoráns*. Gondomar: IEM, Instituto de Estudos Miñoráns, pp. 23-60.